

Várias ideias em um sonho. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Lorraine estava na 6ª série e saía de casa todos os dias às 5 da manhã. Depois de longa caminhada, pegava o ônibus especial para estudar. Lá nas "bandas" do povoado do Acaba Mundo, onde morava, não havia escola. A comunidade era pequena, um exemplo da chamada "comunidade de resistência". Quem mora nesses locais resiste em sair e sobrevive normalmente de agricultura e pesca. Lá, de alguma forma, os mais velhos influenciam a nova geração para que todos continuem a viver no local.

Quando alguém adoecia gravemente, o único policial que morava lá e trabalhava ao lado do posto de saúde corria com o doente dentro da viatura em direção à cidade. A igreja católica e a evangélica eram vizinhas uma da outra. Padre e pastor se organizavam para missa e culto não "cruzarem" os horários. Existiam apenas dois comércios: mercearia e botequim.

A menina tinha dúvida de uma profissão, claro, estava apenas na 6ª série. Engenharia Ambiental ou Medicina. Era muita vida estudantil pela frente. A cidade de onde pertencia o povoado era uma das maiores da região. No entanto, Lorraine não queria ir só até ali. Era pouco pra ela, pois sonhava alto.

Seus pais, logicamente, sabiam que ela não ficaria muito tempo no Acaba Mundo. Com de 11 anos, a garota, franzina e queimada de sol por excessiva exposição na lavoura, queria ajudar a família. Ela se esforçava muito para sair todas as manhãs e andava 1 km a pé e quase 2 horas de ônibus para estudar.

- A mãe, Ivanilde, dizia:

- Como vamo fazer aqui, sem você, filha?

- Mainha, quero conhecer gente nova! Vou subir lá "in riba" na cidade, vou ajudar tu, mainha... Vou mudar o mundo. - No entanto, a mãe sabia que isso é algo quase que impossível. E sempre falava:

- Cê num vai mudá o mundo, Lorraine. A vida num é assim.

- Mainha, a gente pode fazer alguma coisa, pode sim! É só querer.

E a menina tinha aquela ideia fixa na cabeça. O que poderia fazer para isso acontecer. Por onde começar? Certo dia, ao sair para a escola, percebeu estar mais cansada que o normal. Era algo muito estranho que ela nunca havia sentido. Entrou no ônibus e simplesmente "apagou", dormindo um sono profundo durante quase 2 horas. Foi preciso acordá-la quando o ônibus chegou à escola.

- Não! Pode catar essa latinha, agora! Vai matar os peixes, poluir a água do mar. O que está fazendo com o meio ambiente, mulher? Você vai pagar multa. Lugar de lixo é na lixeira!

- O que aconteceu, Lorraine? Vamos sair do busão. Já chegamos.

Ela se assustou. Levantou rapidamente, arrumou os cabelos e saiu decidida:

- É assim que eu vou mudar o mundo, Manu!

- Não estou entendendo nadinha, mas eu quero saber tudinho.

Lorraine contou à amiga o curioso sonho que teve durante a "viagem":

- Eu jamais gostei de política e fui sonhar que estava com 7 anos e tinha sido eleita presidente do Brasil.

Vê se pode?

- Que piada, amiga! Mas por que cê falô em "não poluir a água"?

- Eu estava tomando posse na praia, na beira do mar, e vi um monte de gente jogando lixo na areia.

- Oi? Com 7 anos, eleita presidente? Só você mesmo com esses sonhos mirabolantes. E esse não é o primeiro, né? – Disse a amiga, soltando uma baita gargalhada.

Elas chegaram à sala e a filha de Ivanilde nem conseguiu prestar a atenção nas aulas naquele dia. Ficou matutando a ideia de como salvar o planeta. Seria aquele sonho um "chamado"? Não, a garota não queria ser presidente do país, nunca lhe passara isso na cabeça.

- Lorraaaaaine! – Chamou mais firme a professora.

Não houve resposta. Nova chamada, sem sucesso.

- Lorraine, por favor, vá ao quadro resolver aquela equação.

- Ô fessora, precisamos juntar várias pessoas para ajudar a limpar o ribeirão lá no Acaba Mundo. O lixo está vindo da...

- Ô garota, volte para a aula de matemática, por favor! A aula de ciências é depois do intervalo.

- Desculpe aí. – Ela se levantou e resolveu a equação.

Por todo o intervalo, na hora do almoço na escola, a garota estava "fora do ar", pensando naquele sonho que Manu dizia ser mirabolante. Ela não dava uma palavra, apenas escrevia. Escrevia muito em um de seus cadernos; queria deixar tudo registrado para não se esquecer no futuro.

“Se eu for médica, posso cuidar da saúde do povo de Acaba Mundo, mas se eu for engenheira ambiental e também vou cuidar da saúde das pessoas. Eu posso fazer várias melhorias lá no povoado, saneamento básico, vou ajudar a despoluir o rio, criar projeto de reciclagem... Eu posso fazer tanta coisa...”

E a menina escreveu tanto que perdeu os dois últimos horários. A supervisora da escola a chamou e entregou uma ocorrência:

- Venha com este papel assinado amanhã e traga sua mãe junto. Precisamos conversar seriamente, Lorraine!

- Mas, dona Imaculada, eu...

- Sem conversa, garota! Amanhã, quero a sua mãe aqui.

Em casa, Ivanilde nem esperou a filha se explicar:

- “Matando” aula, Lorraine?

- Mainha, deixa eu explicar...

- Não. A hora que seu pai chegar, vamo ter uma conversa!

A menina entregou o caderno à mãe. Ivanilde começou a ler e precisou sentar na cadeira para não ter um ataque. Quando terminou a leitura, assustada e ao mesmo tempo admirada, deixou o caderno na mesa e tentou conversar com a garota.

A filha não queria papo e apenas respondeu:

- Pode assinar a ocorrência, mãe, você deve ter razão.

No outro dia, as duas foram juntas para a escola e todos dentro do ônibus estranharam que elas não estavam conversando, mas não houve comentários.

Ao chegar à escola, mãe e filha foram direto para a supervisão.

- Bom dia, dona Imaculada. Aqui está a ocorrência e entrego junto o caderno de Lorraine.

- O que é isso, mãe? Não existe desculpas para essa menina não estar em sala! Vá para a aula, agora garota.

- Apenas leia. – Respondeu Ivanilde.

Dezesseis anos se passaram...

Na formatura do curso de Engenharia Ambiental, Lorraine agradecia a oportunidade da bolsa de estudos que conseguiu em São Paulo para estudar Medicina. Já era médica generalista e passou em 1o. lugar para engenharia, como prêmio, poderia cursá-lo gratuitamente. No entanto, ela conversou na faculdade para que a bolsa 100% fosse destinada a alguém mais necessitado. Pediu sigilo da “troca”.

Em seu discurso, como oradora da turma, ela dizia com muita emoção:

- Agradeço a Deus, meus pais e à Dona Imaculada, aquela supervisora que me deu uma ocorrência quando eu tinha 11 anos. Se hoje sou médica, ambientalista e agora engenheira ambiental eu devo muito disso a ela...

Naquele momento, uma esbelta senhora idosa levantou-se no meio da plateia e foi até o púlpito abraçar a aluna da antiga Escola Municipal Dr. Honório de Castro. A doutora e engenheira não acreditava no que estava vendo, tamanho era a surpresa. E começou a chorar. Gentilmente, dona Imaculada pegou o microfone e terminou o discurso de Lorraine, quebrando o protocolo da formatura.

Ao fim da leitura, a supervisora aposentada concluiu:

- Quando estava na 6a. série, Lorraine sonhou que, aos 7 anos de idade, fora eleita presidente da república. Ela queria multar todas as pessoas que jogassem lixo na praia. Eu a repreendi com uma ocorrência, pois não assisti algumas aulas naquele dia, uma vez que estava escrevendo sobre o referido episódio. Ao ler as “suas ideias mirabolantes”, eu simplesmente mudei de opinião. Eu vi que aquela garota poderia sim, mudar o mundo, ao seu jeito, dando sua contribuição. Sim, Lorraine mudou o Acaba Mundo, comunidade onde morou quando era criança. Hoje, nosso povoado é exemplo de conservação ambiental. Trabalhou como médica por uns tempos lá e colaborou muito com a despoluição do rio local. É uma grande ambientalista! A nossa cidade deve muito a “essa menina”. Então pergunto:

- Lorraine, você quer ser um dia presidente do Brasil?

Mesmo com a plateia em silêncio, foi possível ouvir algumas risadinhas pela pergunta. E veio, sem titubear, a resposta da graduanda em engenharia:

- Eu não preciso ser presidente do país para fazer alguma coisa por ele, longe disso! ... Eu quero fazer a minha parte na saúde, no meio ambiente como cada um pode fazer a sua: basta a gente querer!
